



A personagem Marly, criada por Milson Henriques, vira boneca com lançamento hoje

Página 7

*Vitória - ES*

# Caderno Dois

Pagode do Grupo Soma em Jardim da Penha

Página 2

Carlos Malta e sua paixão pela música

Página 3

A GAZETA – Vitória (ES), domingo, 2 de agosto de 1998

AJ20401

# Vitória entre dois caminhos

Arquiteto diz que crescimento desordenado compromete a cidade

SILVANA HOLZMEISTER

Vitória nasceu de coisas delicadas, por isto é preciso preservar as pequenas casas para manter o significado histórico da cidade. A opinião é defendida pelo arquiteto capixaba Paulo Mendes da Rocha, 70 anos. Residindo em São Paulo desde criança, desenvolveu no início desta década o **Projeto Baía de Vitória** em parceria com a Ufes e o arquiteto Alexandre Feu Rosa, a pedido do Governo do Estado. O plano envolve estudos sobre saneamento, correntes marítimas, navegação, portos, ferrovias e transporte urbano, com ênfase para a Capital. Apesar da importância, o trabalho foi arquivado. Crítico em relação ao futuro da cidade, ele revela que se o crescimento continuar de forma desordenada, Vitória pode se tornar, em pouco tempo, um dos piores núcleos urbanos do mundo.

De acordo com o arquiteto, é preciso pensar com cuidado em qualquer interferência paisagística por se tratar de um lugar com proporções geográficas pequenas. "Se ficar como está, vão continuar os desastres. A Terra tem Dentes nos



## URBANISMO

O projeto 'Baía de Vitória', de Paulo Mendes da Rocha, mostra que a geografia da cidade pede interferências sutis e respeito pela natureza

AE

'Cidade nasceu da delicadeza e tem que ser desenhada'

O arquiteto Paulo Mendes da Rocha defende o **Projeto Baía de Vitória**, acrescentando que o material foi entregue ao Governo do Estado e pode ser consultado.

– No início dos anos 90, o senhor desenvolveu um projeto arquitetônico para a cidade. O que sugeria o documento?

– Se constitui em relacionar a cidade a um universo mais amplo. Por isto, privilegia a navegação e o transporte dentro da baía, além de uma nova organização das vias principais dentro da cidade, considerando a perspectiva da demanda do transporte e a dificuldade de adaptá-la ao desenho da cidade.

– Qual foi a solução apontada pelo projeto?

– Imaginamos agrupar estas construções em três edifícios padrões, com andares de mil metros quadrados cada, na área livre da Enseada. Cada instituição poderia ter três ou quatro andares. Estes edifícios seriam dentro d'água, porque nesse aterro o que tem no subsolo é várzea. A idéia para nós parecia muito bonita, porque ficariam meio afastados com uma pequena canaleta onde os barcos pudessem atracar.

– Depois de todo o trabalho de pesquisa e planejamento não foi frustrante ver que não deu em nada?



# Vitória entre dois caminhos

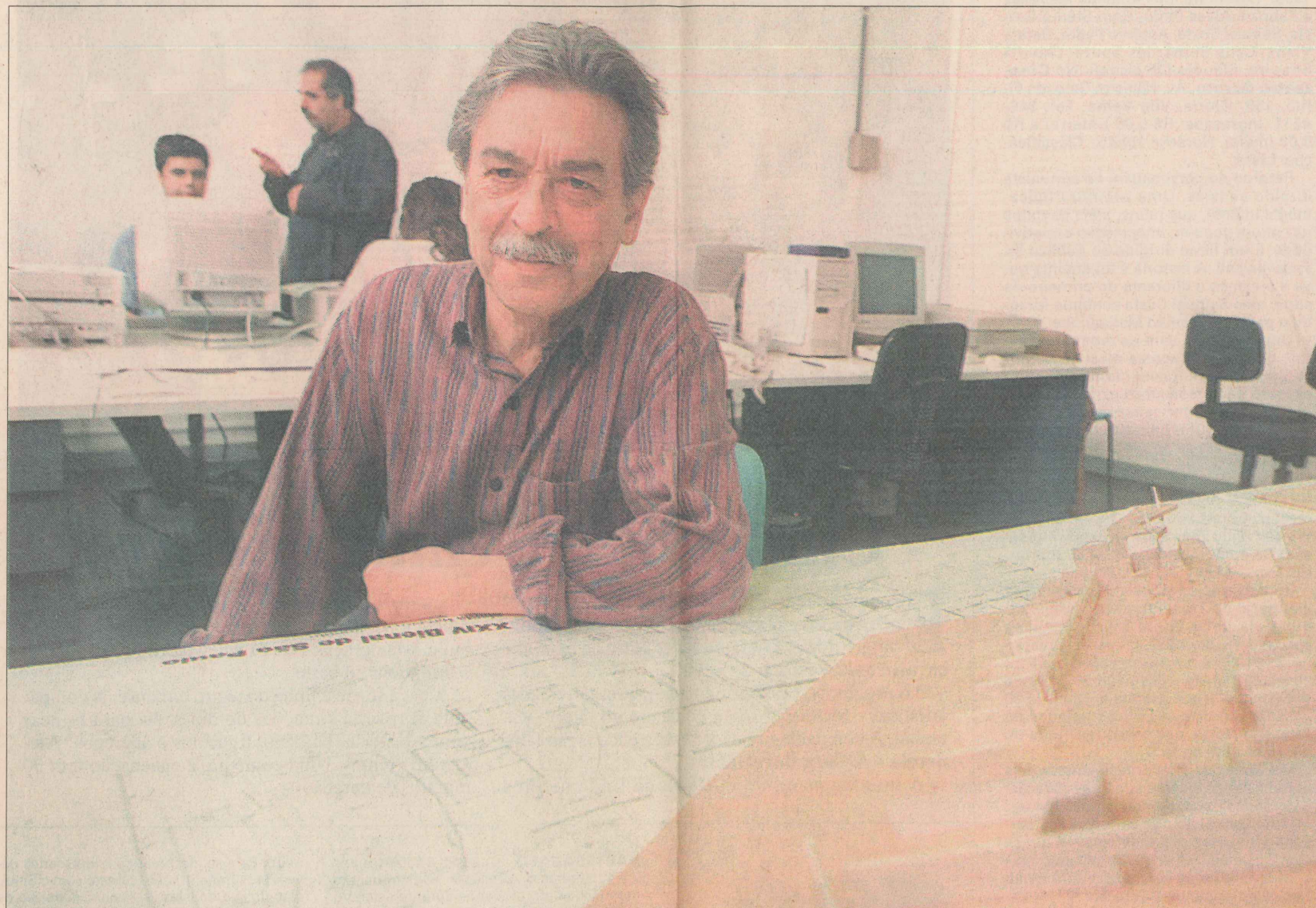
*Arquiteto diz que crescimento desordenado compromete a cidade*

SILVANA HOLZMEISTER

Vitória nasceu de coisas delicadas, por isto é preciso preservar as pequenas casas para manter o significado histórico da cidade. A opinião é defendida pelo arquiteto capixaba Paulo Mendes da Rocha, 70 anos. Residindo em São Paulo desde criança, desenvolveu no início desta década o **Projeto Baía de Vitória** em parceria com a Ufes e o arquiteto Alexandre Feu Rosa, a pedido do Governo do Estado. O plano envolve estudos sobre saneamento, correntes marítimas, navegação, portos, ferrovias e transporte urbano, com ênfase para a Capital. Apesar da importância, o trabalho foi arquivado. Crítico em relação ao futuro da cidade, ele revela que se o crescimento continuar de forma desordenada, Vitória pode se tornar, em pouco tempo, um dos piores núcleos urbanos do mundo.

De acordo com o arquiteto, é preciso pensar com cuidado em qualquer interferência paisagística por se tratar de um lugar com proporções geográficas pequenas. "Se ficar como está, vão continuar os desastres. A Terceira Ponte, por exemplo, é desproporcional e arreventa a paisagem", afirma, explicando que as saídas da ponte poderiam ter outra localização. "Tudo fica pequeno diante dela", comenta, referindo-se ao Morro do Moreno. O estudo surgiu, segundo ele, para evitar construções deste tipo. Foram dois anos de idas e vindas até que a equipe pudesse levantar todos os detalhes urbanos e paisagísticos importantes, para então, sugerir soluções. "É um ensaio formal com slides e maquetes", completa.

**TRANSPORTE** – O projeto relaciona Vitória a um universo mais amplo, como Vila Velha, por exemplo. Por isto, privilegia a navegação e o transporte dentro da baía, além de uma nova organização das vias



## URBANISMO

O projeto 'Baía de Vitória', de Paulo Mendes da Rocha, mostra que a geografia da cidade pede interferências sutis e respeito pela natureza

principais dentro da cidade, considerando a perspectiva da demanda do transporte, que vem aumentando assustadoramente. "Envolveria túneis, um futuro metrô elétrico e uma nova via principal", revela.

Esta avenida, de acordo com Mendes, deveria correr próxima ao Clube Álvares Cabral, no sentido Centro-Enseada, dando vasão ao trânsito. Para driblar a formação rochosa – sem danificar a vegetação restante – localizada no final da Avenida Beira Mar (Bento Ferreira), foi sugerido um túnel semelhante aos que existem nas grandes capitais do país. Já o atracadouro daria lugar a um porto de apoio para pequenas embarcações.

Para a área livre da Enseada do Suá, os arquitetos e pesquisadores

da Universidade Federal do Espírito Santo sugerem edifícios padrões, com volume proporcional à geomorfologia da baía de Vitória, e a proibição de palacetes na região. "Estes edifícios seriam dentro d'água, com canaletas onde os barcos pudessem atracar", ilustra, acrescentando que os prédios poderiam abrigar, por exemplo, a Capitania dos Portos. Além da parte urbanística, o projeto sugere atividades econômicas que não destruam a natureza, como as fazendas marinhas para cultivo de moluscos.

**NATUREZA** – Na opinião do arquiteto, são formas de possibilitar o crescimento da cidade sem colocar em risco a qualidade de vida da po-

pulação e uma demonstração de que é possível respeitar a natureza. Apesar dos gastos com a equipe de estudiosos, Paulo Mendes da Rocha revela que na época não foi dada muita importância aos resultados. "Mas está tudo aí e deveria ser objeto de estudo. Ele possui uma reflexão indispensável", observa.

Rocha é formado pela FAU/Mackenzie (SP), na turma de 1954. O primeiro prêmio chegou três anos depois, com o projeto para o ginásio do Clube Atlético Paulistano. Vieram muitos outros. No ano passado, recebeu o prêmio da V Bienal do Chile, pelo projeto do Museu Brasileiro de Escultura, construído em São Paulo. Já esteve à frente do Instituto dos Arquitetos do Brasil e hoje é professor no Curso de Arqui-

tetura da Universidade de São Paulo (USP).

Objetivo, defende suas posições, mesmo que sejam polêmicas. Para o arquiteto, o futuro da população e das cidades não pode estar unicamente nas mãos dos governos. Por isto, sugere a existência de um conselho permanente, onde as administrações possam consultar antigos projetos e dar continuidade ao que já foi feito. Muito mais delicado do que lidar com vontades políticas, argumenta, é não fazer nada. "Porque vão aparecer monstros. É providenciar o desastre", pondera. Com base na sua experiência, diz que os novos arquitetos estão chegando ao mercado desamparados de planos consistentes. "Tudo é muito limitado".

## 'Cidade nasceu da delicadeza e tem que ser desenhada'

O arquiteto Paulo Mendes da Rocha defende o **Projeto Baía de Vitória**, acrescentando que o material foi entregue ao Governo do Estado e pode ser consultado.

– No início dos anos 90, o senhor desenvolveu um projeto arquitetônico para a cidade. O que sugeria o documento?

– Se constitui em relacionar a cidade a um universo mais amplo. Por isto, privilegia a navegação e o transporte dentro da baía, além de uma nova organização das vias principais dentro da cidade, considerando a perspectiva da demanda do transporte e a dificuldade de adaptá-la ao desenho da cidade.

– Qual foi a solução apontada pelo projeto?

– Imaginamos agrupar estas construções em três edifícios padrões, com andares de mil metros quadrados cada, na área livre da Enseada. Cada instituição poderia ter três ou quatro andares. Estes edifícios seriam dentro d'água, porque nesse aterro o que tem no subsolo é várzea. A idéia para nós parecia muito bonita, porque ficariam meio afastados com uma pequena canaleta onde os barcos pudessem atracar.

– Depois de todo o trabalho de pesquisa e planejamento não foi frustrante ver que não deu em nada?

– Acho que esta questão envolve a política contemporânea para o desenvolvimento da cidade. As grandes cidades foram reconstruídas porque foram destruídas. Nós temos o privilégio de poder construir e cometemos equívocos. É interesse da população, por isso a amarração com a universidade. O projeto não é só a parte urbanística, prevê atividades que demandam o progresso objetivo.

– Qual a sua avaliação sobre a arquitetura de Vitória?

– Não sei, mas se ficar como está, vão continuar os desastres, como foi a Terceira Ponte. É desproporcional, porque arreventa a paisagem. Para manter seu significado histórico, a cidade teria que ser desenhada. Ela nasceu de coisas delicadas. Se tirarem as casinhas para construir grandes prédios, ela pode se tornar uma das piores cidades do mundo.